

## **INTRODUÇÃO: uma nova sensibilidade para “entrar” no mistério**

Hoje precisamos ativar uma nova **sensibilidade contemplativa** para perceber a misteriosa ação de Deus em nosso mundo marcado pela injustiça, pela violência, pela cultura da indiferença, do preconceito e da intolerância. Encontrar Deus numa realidade de profunda desumanização foi sempre um desafio.

Não basta ao coração encontrar Deus na oração para depois “esvaziar-se” no cotidiano: trabalho, relações... S. Inácio é um dos santos que melhor nos ensina a nos aproximar da realidade para descobrir Deus nela.

Dele dizia o Pe. Nadal: *“O Pai Inácio conheceu, por um grande privilégio, este modo de orar em um grau eminente. A isto se acrescentava que, em todas as coisas, ações conversações, sentia e contemplava a presença de Deus e a atração das coisas espirituais; era contemplativo na ação, o que ele estava acostumado a expressar ordinariamente com estas palavras: é preciso encontrar Deus em todas as coisas”.*

Recordemos as palavras de Isaías: *“Vejam que realizo algo novo; já está brotando, não o percebem?”* (43,19). Isaías, movido pelo que viu em sua contemplação, diz ao povo que abra seus **sentidos** à realidade, ao novo. Não lhes diz, como em outras ocasiões, “recordem”, “façam memória”, “pensem”, “reflitam”, “ponderem” ..., mas, sim, **“olhem”**, abram bem os sentidos, percebam a realidade de outra maneira, tirem de suas vidas as formatações que lhes travam o olhar, sacudam para fora de vocês a escuridão e o frio do inverno que os tem congelado, percebam os brotos, o germinal que rompe as cascas endurecidas e os terrenos petrificados que nos querem silenciar. Procurem no novo.

O povo judeu está abatido pela experiência dura do exílio. A visão de sua realidade cotidiana lhes tinha enchido o coração de tristeza e o olhar de monotonia. Estavam tão presos às evidências imediatas transmitidas pelos seus sentidos, que só podiam ver um cativo tão bem organizado e não podiam perceber os brotos germinais, o novo que Deus realizava naquele momento.

Mas o profeta já tem outra **sensibilidade** diferente. Em seu coração arde a certeza de que a criatividade de Deus não pode ser bloqueada e, portanto, é preciso estar sempre atento, acordado, olhando a realidade com olhos novos, porque a qualquer momento pode brotar algo inesperado e surpreendente.

A fidelidade de Deus é como uma semente que permanece fiel à vida debaixo da terra completamente seca e desolada. Basta uma chuva para que brotem as folhas verdes e pintem de esperança a paisagem sem vida.

É preciso estar olhando sempre o horizonte da história para ver se aparece um ponto pequeno, insignificante, que balança e cresce ao aproximar-se como novidade salvadora. É preciso estar olhando sempre o silêncio dos corações para ver se Deus faz surgir algo novo, uma intuição pequena que cruze o firmamento interior como uma estrela fugaz, algum sonho que abra a vida a novas possibilidades.

Os **Exercícios Espirituais** são um itinerário espiritual que vai transformando a pessoa desde a “cegueira” (EE 106) que leva à perdição e morte, até a possibilidade de **ver Deus presente em tudo**, sem exclusão nenhuma, trabalhando sem descanso, para que possamos *“em tudo amar e servir”* ao nos unirmos a Ele e à Sua atividade que tudo recria.

*“Os EE nos conduzem a um Deus presença que está em tudo; aquilo que o exercitante busca durante o processo dos EE encontra-se no final: Deus em todas as coisas e todas as coisas em Deus”* (Melloni).

No começo deste percurso interior brota a necessidade vital e a decisão firme da transformação do olhar e de todos os sentidos. A **Anotação 20** (EE 20) expressa a necessidade de **criar um novo espaço** a partir do qual é possível despertar uma **sensibilidade oblativa**, e um **desejo** decidido de empreender esse processo.

A **Anotação 20** (EE 20) descreve, com cinco verbos, a criação do **novo espaço** e a maneira de nos situarmos nele, como um cenário privilegiado para fazer a experiência dos EE: **“afastar-se” “mudar-se”, “buscar”, “aproximar-se” e “dispor-se”**.

Nesse novo espaço nos encontramos com Deus, e a partir desse **encontro** nosso coração e toda a nossa sensibilidade se expandirão para se aproximar e viver, de uma maneira nova e inspirada, o **encontro** com as pessoas e com a realidade que nos cerca.

a) *“Ordinariamente, tanto mais se aproveitará quanto mais se **afastar** de todos os amigos e conhecidos e de toda solicitude terrena”*

Propõe-nos tomar uma distância de nossa maneira habitual de olhar a realidade e de nos situarmos em meio a ela. Propõe-nos criar outro espaço, mais livre e aberto, que possibilita o encontro consigo mesmo.

Tomamos distância das relações afetivas, “amigos e conhecidos”, que habitualmente preenchem nossa necessidade de relação, de afeto, de amar e ser amados. Também saímos dos circuitos de nossas atividades,

que nos ocupam interiormente com sonhos, preocupações e projetos. Afastamo-nos de toda “solicitação terrena”. É uma distância de liberdade, aberta a experiências imprevisíveis.

O “**afastar-se**” não é tão fácil, pois dentro de nós mesmos carregamos, de muitas maneiras, as pessoas e as atividades, e estamos atravessados por dentro pelo ritmo da vida cotidiana, às vezes frenético e às vezes lento como uma roda gigante imóvel, sobre a qual a vida humana atrofiada gira sobre si mesma, lentamente. Pouco a pouco, criaremos um silêncio de qualidade. Em nosso silêncio poderemos escutar a proposta de Deus sobre o mundo. No silêncio de Deus poderemos nos des-velar inteiramente.

Esse silêncio pode se transformar na forma mais pura de comunicação, de comunhão e de encontro, ao nos afastar de uma cultura viciada no ruído e nos encontros superficiais.

b) “**Mudando-se da casa onde mora, passando a outra casa ou quarto para habitar nela o quanto mais secretamente puder**”

A razão de afastar-nos é para situar-nos em outro espaço, onde as coisas que nos rodeiam não nos recordem constantemente as velhas visões que correm por nossos circuitos interiores. As paredes falam, as coisas cotidianas nos dizem constantemente sua mensagem de passado.

Esse **mudar-se** exterior vai acompanhado de um mudar-se interior. Ao estar “*assim afastada e não ter o entendimento dividido em muitas coisas, mas pondo todo o cuidado em uma só*”, toda a pessoa vai unificando-se no **encontro** com Deus e no desejo de servi-Lo em uma nova visão da existência.

c) Ao estar afastado, “*usa de suas potências naturais mais livremente para **buscar** com diligencia o que tanto deseja*”.

Afastamo-nos dos elementos dependentes da cultura e das próprias obsessões ligadas a nossas ocupações e relações habituais. A mudança exterior é a expressão da mudança interior e a favorece. **Buscar** é a atitude profunda que anima todo esse processo de um desejo determinado a encontrar-se com Deus.

d) “*Quanto mais se acha a pessoa a sós e afastada, faz-se mais apta para se **aproximar e chegar** a seu Criador e Senhor*”.

Afastamo-nos para nos **aproximar e chegar** a Deus, não ao vazio. Esse **encontro** com Deus é a mais íntima e indestrutível vocação do coração humano. Essa é a meta a que temos de “chegar”. Não fomos feitos para ficar satisfeitos com coisas e encontros virtuais. Todo verdadeiro encontro humano abre seus braços e se abre de dentro para fora, com o desejo da plenitude. Não é um encontro asséptico e imaterial. Encontramos com Deus, com tudo o que somos, com a realidade que temos incorporada dentro de nós, em nosso coração, em nossos sonhos e nos sentidos do nosso corpo.

e) “*Quanto mais assim se achega, tanto mais se **dispõe** para receber graças e dons de sua divina e suma bondade*”.

“**Dispôr-se**” é o estado final dessa viagem contemplativa até onde nós podemos chegar.

Deus chega até o espaço que nós Lhe deixamos disponível em nossa intimidade e em nosso corpo. Não força nenhuma porta, nenhum sentimento, nenhuma fibra, nenhum neurônio.

Ao estarmos expostos ante a suma bondade, sabemos que nosso cuidado é receber, acolher. Fomos feitos para o **encontro** com a suma bondade, para a comunhão com ela, não para a inalcançável tarefa de apoderarmos-nos dos dons de Deus ou de Sua palavra. Só podemos ser ilimitados na comunhão com o Ilimitado.

A partir desse **encontro** com Deus mudarão nosso coração, nossa visão da realidade e nossa maneira de nos situarmos diante dela.

O “**místico de olhos abertos**” sabe humildemente que precisa tomar distância do mundo que o envolve com estímulos de todos os signos para encontrar-se na solidão com esse olhar cálido de Deus, que é o único que respeita absolutamente a realidade e Lhe oferece a vida verdadeira.

Vemos no Evangelho que Jesus, em muitas ocasiões, se separava de seus discípulos, do povo, dos espaços habituais e do trabalho concreto para orar, sem deixar-se condicionar pelas necessidades urgentes, as expectativas de seus amigos e as ameaças de seus inimigos.

Essa distância, em que se encontrava com o Pai, ia gerando nele uma nova **sensibilidade** para perceber de maneira inédita os acontecimentos e a ação do Pai no centro da realidade e assim poder se fazer presente de maneira inspirada e anunciar o surpreendentemente novo: o Reino de Deus.

(cf. Benjamin González Buelta sj “Ver ou perecer” – Mística dos olhos abertos– Editora Puc Rio)

**Textos bíblicos:** Is 43,8-21 Sl 85(84) Lc 12,22-32